

# O consultor das parábolas

por Catarina Craveiro

Artigo publicado na Revista Leader, n.º 22, Agosto de 2007

Ricardo Vargas não pretende dar lições de moral com o seu último livro, mas “A Vida não dá Jeito” pode mudar a vida de muitos líderes.

“As palavras transformam a vida. Originalmente, são as palavras que ferem, pois só a elas pertence o significado do que acontece. É com base em palavras que nos movemos, arriscamos a vida, subjugamos os outros, definimos amigos e inimigos, decidimos amar ou matar”.

E é com base em palavras que Ricardo Vargas vai potenciar a resolução de problemas, a mudança de perspectiva sobre vários acontecimentos, a reflexão sobre a vida ou simplesmente o prazer de ler algo diferente.

O seu último livro, “A Vida Não dá Jeito” [Oficina do Livro] leva-nos numa viagem de 216 páginas e 78 parábolas, com uma escrita metafórica e um ritmo frenético. Um livro, baseado nas actividades de promoção e do desenvolvimento pessoal, em que Ricardo Vargas utiliza histórias para facilitar a mudança desejada. É desse

trabalho prático que nos chegam essas narrativas.

“Estas histórias não têm princípio, meio e fim. Funcionam por si próprias, sem precisar das restantes”, revela o autor. É que antes de chegar à forma escrita, a maioria delas já ajudou muitas pessoas a compreenderem melhor os outros e, sobretudo, a si próprias”.

“Este é o meu primeiro livro, comecei-o antes dos outros dois”, revela o autor. À partida pode parecer estranho, mas tudo tem uma explicação. “A Vida não dá Jeito” surge como o terceiro, apesar de ter sido o primeiro que começou a escrever. Foi o resultado de histórias que ele foi redigindo ao longo da sua actividade como consultor. “São histórias que utilizo nas minhas conferências, nas sessões de coaching e em formação, daí ter havido um maior período de maturação deste em relação aos outros livros”, diz o autor.

Em “A Vida Não dá Jeito”, Ricardo Vargas conta 78 parábolas que utiliza nas suas sessões de coaching. O consultor prepara-se para lançar mais três livros.

## ROMPER COM O PASSADO

Ricardo Vargas trabalha como consultor na área da gestão de recursos humanos há mais de 14 anos. A inovação e a fractura com teorias tradicionais na gestão das pessoas são a marca que diferencia o trabalho que tem desenvolvido em algumas empresas nacionais e multinacionais. Esta é a experiência que tem servido de base à reflexão e à investigação deste consultor, traduzido na escrita de livros de gestão. O livro “A Arte de Tornar-se Inútil” foi, desde o seu lançamento, em Setembro de 2004, um caso assumido de sucesso. Editado em Portugal e no Brasil, este foi o primeiro livro de Ricardo Vargas a ser publicado. O que defende Vargas neste livro? Que a liderança não é algo que exista na cabeça do líder, como fazem acreditar as abordagens tradicionais. Defende que o bom líder é o que não se preocupa em sê-lo, mas que o é em resultado das relações que estabelece com as pessoas. Liderar é, antes de mais, centrar-se no desenvolvimento dos colaboradores como medida do seu próprio desenvolvimento. Para Ricardo Vargas, cem anos de estudos sobre liderança defendem teorias com as quais não concorda: a liderança é apenas uma qualidade da relação. E, passados três anos, o consultor volta a aplicar a mesma teoria na sua escrita. “Este livro está orientado para conduzir a um conjunto de ferramentas que irão melhorar as relações interpessoais. Um

ganho de consciência que o líder tem sobre os factores que influenciam as relações com os colaboradores”. O seu segundo livro, “Os Meios Justificam os Fins”, incidiu sobre a ética e cultura empresarial. Lançado em Outubro de 2005, em Portugal, foi ainda publicado no Brasil e mais tarde na polónia. Três já estão no mercado e mais três vêm a caminho. Apesar de não querer desvendar pormenores, Ricardo Vargas já começou a escrever o seu quarto livro. Na calha estão ainda mais dois na mesma linha de orientação de “A Arte de tornar-se Inútil” e “Os Meios Justificam os Fins”.

Ricardo Vargas nasceu em 1967, na cidade da Beira, Moçambique, oriundo de uma família de classe média baixa em ascensão. Numa idade em que a maioria das crianças vivia ainda na flor da ingenuidade, experimentou situações marcantes, como a penumbra da noite marcada pela violência, o processo revolucionário e a guerra civil. Depois da independência, vivia-se em risco constante. Ricardo Vargas era o único branco na escola, entre alunos e professores, o que no pós-guerra civil, com ódios racistas à tona, causava um clima de perigo. Estes foram os momentos mais sombrios da sua vida. Hoje, no decorrer da sua actividade, contribui para que os momentos escuros dos outros se tornem límpidos como a água.

## RICARDO VARGAS AFIRMA QUE UTILIZA AS METÁFORAS PARA DIZER, DE FORMA INDIRECTA, OS ERROS QUE UM LÍDER ESTÁ A COMETER

“Neste livro descrevo histórias independentes e com determinado objectivo. Trata-se de ilustrar um aspecto das relações humanas que é potencialmente um problema, se as pessoas não pensarem nele da forma mais adequada”, esclarece o autor. Ricardo Vargas acredita que quando temos um problema podemos apelar a diferentes formas de o resolver. Uma é a racionalidade das etapas pelas quais passamos para conseguir resolver um determinado problema, uma vez que temos uma série de sequências lógicas para chegar a uma possível solução. Outra maneira é entender o que está a montante do problema, ou seja, entender qual é a percepção acerca do problema e como é que tudo isto influencia a forma como se encara o problema. “Na maior parte das situações, o problema está na forma como encaramos o problema”, graceja o consultor. Mas na maioria das vezes não é fácil perceber esta teoria. Por isso mesmo, Ricardo Vargas usou este tipo de comunicação metafórica e paradoxal, mas ao mesmo tempo simples, com o intuito de apontar para a maneira como a pessoa está a pensar. O objectivo é que, de forma indirecta, cada um conclua por si próprio quais são os erros de percepção ou as crenças que são fonte do problema. Mas porquê o uso desta linguagem? “Não tem o mesmo impacto se chegar à frente de uma pessoa e lhe disser directamente que a pessoa está a pensar de forma errada”, afirma. “Aliás, não se trata de pensar errado, trata-se da forma como construo a natureza do problema e como eu defino os limites daquilo que é ou não problema”, explica o consultor.

Fundador da Plan B e partner da TMI Portugal, Ricardo Vargas venceu recentemente o prémio consultor do ano, na edição 2007 dos Prémios RH. O trabalho que este consultor e autor desenvolveu nos últimos 18 meses em empresas como a Aquapura Hotels, Microsoft, Millenium BCP, Montepio Geral, Novartis Farma e Sonae Distribuição esteve na base desta distinção, que premeia a inovação dos conceitos utilizados e as metodologias aplicadas. Esta distinção marca o reconhecimento formal do trabalho de um homem que tem aumentado o conhecimento sobre práticas de gestão de recursos humanos inovadoras, com origem em Portugal, e que se tem esforçado para internacionalizar estes conceitos. Ricardo Vargas não pretende dar lições de moral. “A ideia é que cada pessoa tire as suas próprias conclusões. Nesse sentido não é um livro de auto-ajuda”, defende. Mas o autor avisa: esta leitura pode mudar a sua vida.